

Festival de Almada

A outra margem do Teatro

Dezenas de espetáculos, cinco estreias, uma mão cheia do novíssimo teatro português e destacados criadores e companhias de vários países europeus e sul-americanos: o Festival de Almada aí está, a outra margem do teatro, novidade e resistência em duas semanas de cenas do mundo contemporâneo, até 18 de julho. O pano sobe hoje, quarta-feira, 5, com *História do Cerco de Lisboa*, a partir de José Saramago, e no centro do palco desta edição estão sempre os atores. O homenageado é um cenógrafo, António Lagarto, um dos artistas "invisíveis" da "mais coletiva das artes", como diz ao JL o diretor do Festival, Rodrigo Francisco

MARIA LEONOR NUNES

É um espetáculo que envolve teatralmente Portugal, de norte a sul, e Espanha, uma criação "ibérica" para um dos romances mais aclamados de José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*, uma coprodução das Companhias de Teatro de Braga (CTB), de Almada (CTA), do Algarve (Acta) e do Teatro dos Aloés (Amadora), com encenação e dramaturgia dos espanhóis Ignacio Garcia e José Gabriel Antañano, respetivamente, será por certo uma abertura em grande do Festival de Teatro de Almada (FTA) que irá decorrer até 18, em vários espaços, nas duas margens do Tejo.

Uma "estreia simbólica", como adianta ao JL o diretor do festival e da CTA, Rodrigo Francisco (RF). "São quatro grupos de fora de Lisboa, com acordos de financiamento com as câmaras municipais das respetivas cidades e com o Governo. E juntam-se para dar o exemplo do que poderia ser um serviço público de teatro". Com o apoio da Fundação José Saramago, *História do Cerco de Lisboa* tem cenografia de José Manuel Castanheira e interpretação de atores das quatro companhias: Ana Bustorff, Elsa Valentim, João Ferraço, Jorge Silva, José Peixoto, Luís Vicente, Pedro Walter, Rui Madeira e Dânia Silva.

Em conjunto vão dar corpo à "história de um não", um "ato de revolta" do revisor Raimundo Silva, protagonista do romance, que acaba por ser um "ato criativo" capaz de mudar a sua vida. "A adaptação é muito bem feita, uma verdadeira peça teatral construída a partir da obra do Nobel da Literatura, em que o próprio Saramago também aparece como personagem", acrescenta RF. "São histórias dentro de histórias, numa encenação que foge completamente ao naturalismo. É um teatro sobre o teatro e a criação".

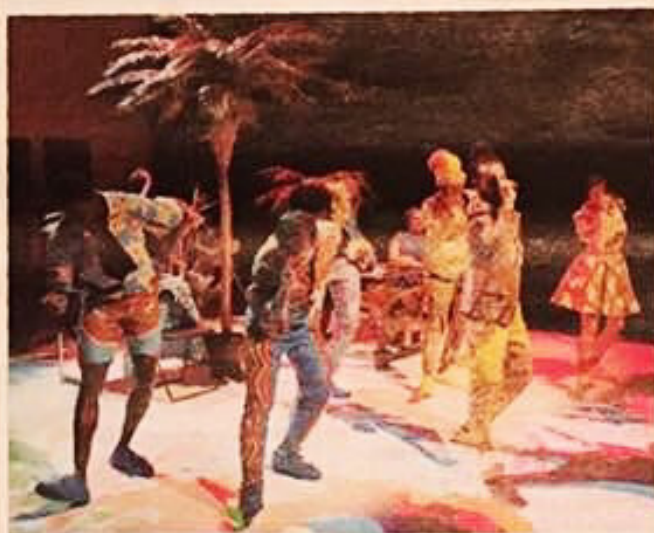
A peça sobe hoje à cena, quarta-feira, 5, às 21,30 e 19h, repetindo amanhã, 6, na Sala principal do Teatro Municipal Joaquim Diniz (TMDB), e terá mais tarde representações em Braga, Amadora e Faro. É uma das grandes produções do FTA de

2017, e um bom exemplo da maturidade das companhias do teatro independente português, como observa ainda Rodrigo Francisco, e de como se poderá "rentabilizar" os financiamentos para levar o teatro a todo o país.

O ESTEIO DOS ATORES

Mas não é apenas de grandes produções que se faz o FTA de 2017. Pelo contrário, há uma aposta no "pequeno formato", num teatro pobre de meios, intimista, centrado essencialmente no ator. A ideia insinuou-se quando no ano passado o público elegeu o espetáculo Hedda Gabler, feito com poucos meios técnicos, para uma plateia pequena, 70 lugares, mas com a força do texto de Ibsen e da representação dos atores da companhia Visioner, de Oslo. O clássico do dramaturgo norueguês na leitura da atriz e encenadora, também norueguesa, Juni Dahr, e, aliás, como manda a tradição, o espetáculo de honra desta edição do FTA, com apresentações hoje, 5, amanhã e depois, sexta-feira, no auditório da Casa da Cerca. "Se calhar, Molière tinha razão quando dizia que o teatro apenas precisava de duas tábuas e uma palhaço", diz RF. "De facto, o teatro tem crescido com o homem e transformou-se, mas apesar de todas as correntes e derivações, os atores continuam a ser o esteio desta arte".

Esta convicção explica que a programação do FTA integre 11 espetáculos de pequeno formato. Uma opção que também não será alheia aos cortes orçamentais que o teatro sofreu nos últimos anos e que dificultam a montagem de grandes produções, de peças com muitos atores. O diretor do festival faz notar que a sua companhia, após os sucessivos cortes, tem hoje o mesmo apoio do Estado que tinha em 1997. "Estamos nos limites do suportável. Este governo prorrogou por mais um ano o nosso subsídio quadri-estatal, mas depois nada. É um silêncio injustificável. Acho bem que se façam estudos, mas um governo que passa a legislatura a estudar não é de políticos, mas de filósofos", sublinha. "Não se pode pôr num programa eleitoral que a cultura é uma prioridade, restaurar um Ministério e depois ter um ministro cujo único ato teatral foi comparecer no velório da Cornúciola".



De Moçambique, *Mala Voadora*, de Jorge Andrade

Apesar de todas as condições adversas, ainda há gente muito nova que quer continuar a fazer teatro em Portugal

Rodrigo Francisco

Esse "desaparecimento trágico para a nossa vida cultural" da companhia dirigida por Luís Miguel Cintra deva, segundo Rodrigo Francisco, ter sido um "abandono que fizesse refletir sobre que país se quer ter do ponto de vista teatral". Mas, diz, "ficou tudo exatamente na mesma".

OPERÁRIOS E OUTRAS ESTREIAS
Outra das estreias do FTA será *Operários*, uma criação de Miguel Moreira e Romeu Rima, no Teatro Estúdio António Assunção (TEAA), em Almada, de hoje, 5, a 9. É a nova produção do Utero, companhia que faz 20

anos e tem afirmado um lugar singular na cena do teatro, da dança e da performance. Pretende ser uma homenagem ao universo dos trabalhadores das fábricas, que, tal como os artistas, "perceam o Mundo na sua inerente fragilidade e força de transformação", segundo as palavras do ator, performer e encenador Miguel Moreira. Será depois apresentado juntamente nos antigos estaleiros da Livraria.

João Garcia Miguel vai estreiar no Festival de Almada (8, 12, 13 e 14, no TEAA) a sua nova incursão no universo shakespeariano, a quarta, desta feita com *A Tempestade*. Numa abordagem distinta, contando com os desenhos de António Pedro Lima, David Pereira Bastos, Sara Ribeiro, Vítor Alves Silva, e espaço sonoro criado ao vivo por Nuno Rebelo. O Teatro da Garagem irá de igual modo apresentar no FTA a sua mais recente produção: *Elá Dê*, texto e encenação de Carlos J. Pessoa, dramaturgia de Maria João Vicente e interpretação de Ana Alma e Fernanda Neves. No Teatro Taborda, em Lisboa, de 5 a 9.

No que toca à prita da casa, a programação é variada e aliante. *Moçambique*, uma peça da Mala Voadora, construída e encenada por

Jorge Andrade a partir da elaboração de alguns detalhes de uma biografia imaginária, num registo em que realidade e ficção se contaminam, subirá ao palco grande, na Escola D. António da Costa (EDAC), a 6. Considerado o melhor espetáculo do ano passado pela SPA (Sociedade Portuguesa de Autores), permite redescobrir a forte identidade dos projetos da companhia. A cenografia e os figurinos são de José Capela, outro dos seus fundadores, tendo como intérpretes lírico HUCA, Isabel Zúza, Jari Zhao, Jorge Andrade, Matamba Joaqui, Tânia Alves e Welket Bungué.

Em Lisboa, a 6 e 7, na sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), teremos *Bowry*, que o seu diretor, Tiago Rodrigues, encenou no Théâtre de la Bastille, em Paris, numa recriação com atores franceses do espetáculo estreado em 2014, no S. Luiz. A peça é construída a partir do célebre romance de Flaubert e do julgamento do escritor, em 1857, na sequência do escândalo que causou a sua publicação. Do elenco fazem parte Alma Palacios, David Geselson, Gregoire Monsaingeon, Jacques Bonnaffé, e Ruth Vega Fernandez.

Para a Companhia Nacional de Bailado (CNB), que este ano celebra 40 anos, Tiago Rodrigues criou, por outro lado, *A Perna Esquerda de Tchekhov*, assinando texto e encenação. Trata-se de um monólogo interpretado pela bailarina Barbora Hruskova, com música ao vivo do pianista Mário Laginha, que vai ser revisitado no FTA, a 8 e 9, no TMDB. O palco grande terá ainda *Gítnicos de Barbeuria*, a 14, com texto e direção musical de Carlos Tê, encenação e cenografia de Luísa Pinto. É um encontro imaginário entre dois cantores, o português Tony de Matos e o brasileiro Lupicínio Rodrigues, com Pedro Alencar, Alex Miranda, Filipa Guedes, e interpretação musical de Eduardo Silva.

NOVÍSSIMOS RESISTENTES

A representação portuguesa vai estar em foco também ao nível dos projetos mais jovens. A seguir aos argentinos, italianos e espanhóis, é a vez dos portugueses no ciclo dos Novíssimos que tem "refrescado" as últimas edições do FTA. "Os problemas com o financiamento da DGArtes continuam e apesar de todas as condições adversas, ainda há gente muito nova que quer continuar a fazer teatro em Portugal", salienta RF. "O teatro tem essa capacidade de resiliência e interesse -me dar a conhecer essa novíssima geração que resiste e luta contra a ausência de uma política teatral do anterior e do atual governo".

Homenagear os resistentes é a intenção, mas Rodrigo Francisco não ignora que a capacidade de prosseguir sempre, apesar de todos os problemas, pode revelar-se um pun de dois bicos. "Haverá quem pense que se mesmo sem dinheiro continuam a fazer espetáculos, então por que não receber apoios?", acentua o também encenador e dramaturgo. "É claro que podemos apenas fazer peças só com uma mesa e uma cadeira e com um ou dois atores. Mas é essa a cultura que se quer para o país?".

A 10, no palco grande da EDAC, irá estreiar Karl Valentin Cabaret, o novo espetáculo do Teatro do Eléctrico, um dos mais estimulantes projetos da nova geração teatral portuguesa. A encenação é de Ricardo Neves-Neves, que tem dirigido para o grupo peças da sua autoria e de outros autores como, agora, o alemão Karl Valentin. Um coro de 11 atores - Elsa Galvão, Fernando Gomes, Joana Campelo, José Lebe, Márcia Cardoso, Rafael Gomes, Rita Cruz, Sílvia Figueiredo, Tadeu Faustino, Tânia Alves, Vítor Oliveira - e uma orquestra de dez músicos fazem o espetáculo, que será depois apresentado no Teatro da Trindade, em Lisboa, a 23, e em Quarteira.

De destacar ainda, no mesmo ciclo, o Teatro da Cidade, com Topografia, uma criação coletiva em torno da ideia de comunidade, com Bernardo Souto, Guilherme Gomes, João Rêta, Nélia Roque e Rita Cabaço, a 16, no Fórum Romeu Correia, auditório Fernando Lopes-Graça, Almada. No mesmo local, a 16, A Morte do Príncipe, um espetáculo encenado por Ricardo Boileu, a partir de Fernando Pessoa, Heiner Müller e Shakespeare, com José Condessa e Lidia Miffoit. E a 17, Por nascer uma puta não acaba a primavera, a partir da novela de Gabriel Garcia Marquez, com direção de Alexandre Tavares e Azeiteiros Freitas, também intérpretes (com Diogo Tavares), num registo entre a dança, a performance e o teatro.

John Rondo, por seu lado, anuncia a concepção e encenação de Primeiro Imagem, espetáculo dos finalistas da licenciatura da Escola Superior de Teatro e Cinema, com Carlota Lobato, Catarina Moita, Diana Narciso, Duarte Melo, Erica Rodrigues, Gabriel Gomes, Henriques Bispo, Madalena Barreto, Margarida Freitas, Marta Castro, Rotana Lugojan e Tiago Gonçalves. Em cena na sala estúdio do TNDML, em Lisboa, de 12 a 16. O novo novíssimo teatro tem ainda encontro marcado Casa da Gerça, num debate com moderação de João Carneiro.

EVANGELHO LAICO

De iver, vem também, centro e habitual, uma diversidade de espetáculos, que dão uma panorâmica dos muitos caminhos teatrais contemporâneos. Entre os criadores consagrados, é de referência obrigatória Evangelho, da companhia Pippo Delbono, que o encenador, ator, dramaturgo e realizador italiano criou, cumprindo o último desejo da mãe, pessoa muito devota que lhe pediu para abordar a questão da religião num dos seus trabalhos. É lá o que fez. O resultado é uma "missa laica e lírica", que irá ser celebrada no palco da sala Garrett do TNDML, a 15 e 16, num regresso do criador ao Festival de Almada, onde em edições anteriores já trouxe algumas peças emblemáticas do seu marcante percurso.

No Centro Cultural de Belém, a 11, sobe à cena Mãe, a segunda peça de uma trilogia sobre as relações familiares e a condição humana, que criou os territórios da dança, do teatro, do cinema e da acrobacia. É uma criação da dupla coreógrafa



Na abertura História do Cerco de Lisboa, de José Saramago



Jevevy, Tiago Rodrigues



Karl Valentin Cabaret, Teatro do Eléctrico, de Ricardo Neves Neves



Operários, de Miguel Moreira

pela argentina Gabriela Carrizo e pelo francês Franck Chartier, que, no bairro de Molenbeek, em Bruxelas, fundaram a companhia Peeping Tom.

Pela primeira vez no nosso país, a companhia inglesa 1927 promete igualmente surpreender com Golem, texto e encenação da co-diretora Suzanne Andrade. Com uma forte componente visual, reflete sobre as tecnologias e a relação com as máquinas e poderá ser visto a 12 e 13, no TMUB. "Fala sobre o modo como nos fomos tocando e comparando tecnologias e como elas acabaram por comprar-nos", afirma o diretor do FTA. "Ou seja, como em princípio deviam servir para nos libertarem e acabaram por nos escravizar. A companhia trabalha muito com o vídeo e tem feito furor um pouco por todo o lado".

ALTERNATIVAS E ENTENDIMENTOS

Também em Almada, mas na EDAC, a 8, uma outra pista de reflexão proposta pelo Raoul Collectif, de Bruxelas, que representará Rumor e Aborridas. Em palco, assistir-se-á a uma última emissão de um programa de rádio de cinco jornalistas que discutem o muito apregoadado conceito neoliberal TINA, ou seja, There is no alternative. Não há alternativa - austeridade, bem entendido. O coletivo é constituído por cinco jovens atores: Romain David, Jérôme de Falloise, David Murgia, Benoît Pilet e Jean Baptiste Sobot. "É um espetáculo curioso, a partir destes cinco radiolistas que são de esquerda e em

vésperas de serem despedidos pela administração não conseguem por-se de acordo", observa RF. "Estes belgas foram uma peça para responderem à pergunta: Porque é que a esquerda não consegue entender-se? É é engraçado que estão muito interessados no atual contexto político português. Aborda questões que nos são próximas e nos fazem refletir sobre as circunstâncias em que nos movemos, agora que já estamos a meio desta solução governativa".

De outras geografias, por exemplo de Israel, virá a companhia de dança Kamei, para levar ao palco grande da EDAC, a 12, Neverland, uma coreografia de Tamir Ginz. Da Suíça, um espetáculo em que teatro e música se conjugam numa "poética cénica" particular, característica do trabalho do músico e encenador Christoph Marthaler, que traz a Almada, ao TMUB, a 16 e 17. Uma ilha flutuante, uma criação coletiva, a partir de Eugène Ionesco, com interpretação de Marc Bodnar, Carina Braumscmidt, Charlotte Clumens, Raphael Clamer, Catriona Guggenbühl, Ueli Jegg, Graham F. Valentine, Nikola Weiss.

No mesmo teatro, mas na sala experimental, a 11, 12 e 13, Ricardo III está Proibido, vindo da Romênia, com texto de Matei Vișniec e encenação de Răzvan Mureșan. Do mesmo país, Gente Comum, pelo Teatro Nacional de Rădu Stăncu, encenado por Gianina Carbonari, a 16, na EDAC. E na Irerivel Almadense, a 9, 10 e 11, Suzboda, uma criação coletiva,

com dramaturgia e direção do argentino Bernardo Capa - enquanto também da Argentina, Diário de uma Assistente de Sala, com dramaturgia de Mariano Clemente e Victoria Caselas e encenação de Gonzalo Facundo López, estará em cena a 16, 17 e 18, no TEAA.

A 18, no palco grande da EDAC, o convite será para Sonho de uma Noite de Verão, pela companhia galega, de Santiago de Compostela, Voadora. Uma dramaturgia de Marco Layera, a partir do clássico de Shakespeare, dirigida pela encenadora Marta Pazos, já bem conhecida do público português.

A ARTE DE ANTÓNIO LAGARTO

O Festival de Teatro de Almada, que como habitualmente tem o apoio da Câmara Municipal, vai homenagear nesta edição o cenógrafo e figurinista António Lagarto. "O teatro é das artes mais coletivas e era altura de homenagearmos um dos artistas plásticos que tanto contribuiu para os espetáculos contemporâneos, embora fiquem sempre invisíveis", justifica RF. "E Lagarto tem uma carreira nacional e internacional ímpar".

Criador de múltiplas cenografias e figurinos, para teatro, ópera e bailado, tanto no país como no estrangeiro, desenvolveu uma obra multifacetada que, ao correr de décadas, cruzou não só o domínio cenográfico, mas também a fotografia e a instalação. "António Lagarto partilha com a maioria dos cenógrafos, e cenógrafos-figurinistas, portugueses que têm marcado as últimas gerações

um reconhecido estatuto de artista", escreve a propósito Eugénia Vasques, prof. da Escola Superior de Teatro e Cinema. "Uma das suas marcas identificadoras, como tenho assinalado, é justamente uma espécie de 'barroquismo simbólico' que emerge, frequentemente, da relação entre a escala humana e a magnitude dos seus espaços arquiteturados. Esta dimensão da linguagem que o identifica como artista liga-se, sem dúvida, às questões teóricas relacionadas com a representação do corpo na performance art e na body art, que estão na base da sua experiência académica e artística". E acrescenta: "A centralidade do corpo reflete-se, todavia, no diálogo entre a representação do corpo humano vertical e a dimensão esmagadora da arquitetura dos espaços e dos símbolos que identificam muitas das suas criações".

Um percurso artístico, o de António Lagarto, também revista do no âmbito da EDAC, onde vai estar patente a instalação Os Jardins de Narciso, com curadoria de Pedro Mira.

Na Casa da Gerça, por sua vez, poderá ser vista uma mostra de Jorge dos Reis, autor do cartaz desta edição do festival e do estilo de letra limite, uma homenagem a Joaquim Berêze (1943-2012), fundador e diretor do festival e da companhia de Almada. Intitulada Terra Plana, Humanismo e Formalismo, 20 anos de prática projetual no design gráfico, reúne vários projetos, incluindo o processo de criação do referido cartaz, pintura e desenho. "Ao longo destes 20 anos mantive uma prática de uso constante do desenho como instrumento de trabalho, na predigação das formas, num processo sequencial de aproximação ao resultado ambicionado, ancorado num rigor geométrico constante, num neoplasticismo de redução às formas mais puras", escreve a propósito o designer. E conclui: "Fecho assim um círculo que parte da afirmação inicial, discorrendo numa observação distanciada sobre o caminho percorrido, sem alternâncias, com coerência, assumindo a contradição enquanto razão do projeto, nos dias agitados de uma vida sedenta de contemplação".

A par dos espetáculos e da animação de rua, haverá Encontros na Cerca, debates, conferências, com encenadores e atores, e pelo quarto ano "O Sentido dos Mestres". Depois de Luís Miguel Cintra, Peter Stein e Ricardo Pais, cujo livro com a sua ligação ao último Dia Internacional do Teatro, uma edição da CTA, este ano será a vez de uma mestra vinda do norte, a encenadora de Hedda Gabler, Hani Dahr, o espetáculo que, como se disse, o ano passado mereceu a preferência do público. "É uma grande diretora de atores", afirma Rodrigo Francisco. "Tem uma formação muito diversificada - teatro clássico norueguês, Grotowski, Actor Studio de Nova Iorque. É uma oportunidade poder contactar e aprender com esta mulher, uma referência do teatro europeu".

Como sempre, é vasto e alargado programa da Festa - o nome inicial do festival deu a "festa" - que em cada verão faz de Almada a mais teatral das cidades. A.